MERCADO FINANCEIRO: RETROSPECTIVA 2022 E O QUE ESPERAR PARA 2023

Ao longo de 2022, o mercado financeiro enfrentou situações diversas, algumas positivas e outras negativas.

O que ditou o ritmo do mercado financeiro em 2022?

Com a ampliação da vacinação contra a Covid-19 em todo o mundo e a retomada das atividades econômicas, a demanda por bens de consumo disparou. Por outro lado, as ofertas não se recuperaram na mesma proporção. O "boom" inflacionário fez com que, durante todo o ano, instituições financeiras (Bancos Centrais) em todo o mundo tomassem medidas mais duras.

No Brasil, o ano encerrou com a Selic em **13,75%**. Após uma sequência de aumentos em 75 e 50pb, a taxa juros nos EUA ficou em entre **4,25% e 4,5%**; caminho parecido do Banco Central Europeu, que decidiu por entrar em 2023 com juro em **2,5%**.

Vários setores sentiram os ventos de uma recessão global se aproximando. Tudo isso,refletiu nas compras e vendas de ativos. Alguns eventos já eram esperados pelo mercado financeiro, outros pegaram os investidores de surpresa. Mas todos eles contribuíram para que os mercados internos e externos tivessem um ano de muita volatilidade.

INFLAÇÃO:

Ao longo de 2022, um dos principais fenômenos que ocorreram no mercado nacional e no mercado global foi a inflação **persistente.** Essa situação se

caracteriza pelo aumento contínuo e generalizado de preços, levando à perda do poder de compra da população.

Nos Estados Unidos, por exemplo, a inflação atingiu o patamar recorde em 40 anos, quando chegou a 9,1% acumulados em 12 meses, em junho. A Europa e **o Brasil**, além de outros mercados, sofreram com efeitos semelhantes.

No contexto global, o principal fator para a aceleração da inflação foi a escalada de preços das commodities (mercadorias primária : metal, celulose, petróleo, etc.), devido à guerra entre Rússia e Ucrânia. Por causa do aumento do preço do petróleo e do gás natural, principalmente, o custo de energia ficou mais elevado, impactando as economias.

No **Brasil**, entretanto, o cenário contrário também ocorreu: a deflação. Ela se concretiza quando em vez do aumento há uma queda generalizada nos preços da economia. Entre **julho e setembro**, o Brasil registrou três períodos de deflação consecutivos, registrados pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA).

Essa situação ocorreu, principalmente, devido às medidas adotadas pelo Governo Federal, como a redução ou eliminação de impostos sobre os combustíveis. Assim, o IPCA acumulado dos 12 meses se movimentou para baixo, deixando de apresentar dois dígitos.

TAXA DE JUROS:

Quando ocorre um aumento no nível de inflação, é comum que as entidades monetárias dos países tomem medidas para conter o avanço dos preços. No caso do **Brasil,** a principal estratégia adotada pelo Banco Central (Bacen) é o aumento da taxa Selic.

Essa é a taxa básica de juros da economia brasileira e é definida pelo Comitê de Política Monetária (Copom), em reuniões que ocorrem a cada 45 dias. Na prática, a Selic já vinha de um período de altas em 2021, o que se consolidou ao longo de 2022.

Na primeira reunião do Copom em 2022, ocorrida em fevereiro, a taxa passou de 9,25% para 10,75% ao ano. Nas outras quatro reuniões, ocorreram novos aumentos, até que a taxa chegasse a 13,75% ao ano.

No geral, essa estratégia ajudou a controlar a inflação do país e, possivelmente, contribuiu para o cenário de deflação. Contudo, é importante considerar que esse aumento também **prejudica** a atividade econômica nacional.

Isso acontece porque a Selic é usada como referência para todas as outras taxas do mercado. Com o aumento da Selic, a tendência é que as demais taxas fiquem maiores, o que eleva o custo de crédito e desestimula o consumo.

Como a inflação não afetou apenas o Brasil, outros países também realizaram aumentos em suas taxas de juros. Os crescimentos mais significativos e impactantes ocorreram nos Estados Unidos.

Renda Fixa:

A renda fixa foi o grande destaque do ano. O investidor brasileiro que já é acostumado com juros altos, quem soube aproveitar, surfou a onda. Começamos o ano com a inflação ainda alta e o Banco Central liderado por Campos Neto subindo os juros para controlá-la. Na metade do ano, tivemos a intervenção do governo nos impostos estaduais sobre os combustíveis o que causou deflação, poucas vezes vista no país. Isso fez com alguns títulos ligados ao índice da inflação sofressem por alguns meses, mas que rapidamente se recuperassem logo após a eleição. Os títulos pré-fixados também foram destaque chegando a bater mais de **16% ao ano.** Terminamos o ano com a renda fixa pós-fixada pagando tranquilamente 1% ao mês, algo que há muito tempo não víamos e não sabemos **até quando durará**.

Renda Variável:

O Brasil foi o primeiro país que começou a subir os juros, isso nos deu uma vantagem na luta contra a inflação comparativamente com os demais países. A bolsa brasileira andou entre 100 mil e 120 mil pontos praticamente todo ano. Os **destaques** foram os dividendos distribuídos por Vale e Petrobrás. A alta das commodities refletiu em lucros para estas empresas, o que deixou o investidor muito contente.

As empresas de varejo, por sua vez, tiveram um ano muito desafiador, a taxa de juros alta fez com que as ações das empresas caíssem forte durante 2022. Em agosto até ensaiaram uma recuperação com a sinalização do Banco Central sobre um possível fim do ciclo de alta dos juros. Entretanto, as indicações previstas em 2022 do governo que passou a assumir neste início de ano, fez com que os juros futuros voltassem a disparar, **aumentando as tensões no mercado brasileiro.**

Em dezembro de 2022, também tivemos o fim do teto de gastos. Os programas sociais foram retirados da regra pelo STF. Embora possamos fechar as contas públicas em 2022 no positivo, espera-se um **rombo de mais de 150 bilhões** de reais para o ano de 2023.

Esse movimento fez com que a Bolsa brasileira ficasse abaixo do CDI.

O QUE ESPERAR PARA 2023?

Poucas vezes o mercado financeiro teve um cenário **tão desafiador pela frente** como em 2023, avaliam os especialistas do mercado financeiro. O ano que começa, chega carregado de **dúvidas,** tanto locais quanto internacionais, o que embaralha as decisões de investimento.

A largada de 2023 tem início com a formação de novo governo no País, um processo de transição que sempre gera incertezas. A **indefinição da política fiscal** causa desconforto no mercado. Um governo com viés expansionista costuma bater nas expectativas de inflação e de juros.

Como os juros estão oferecendo retorno atraente, o **investidor poderá ficar na renda fixa no começo do ano,** mais desafiador, e ir **gradativamente** para a bolsa, caso tenha seu perfil de risco mais arrojado, segundo alguns especialistas do mercado financeiro. Isso, segundo o mercado, poderia ser feito aproveitando qualquer eventual queda no primeiro semestre. **A Selic alta e, com ela, o CDI elevado dão maior atratividade à renda fixa em detrimento da bolsa** , porém caso o banco central venha a reduzir juros a partir do segundo semestre do 2023,no caso de possibilidade de maiores retornos, poderá ser necessário tomar mais riscos no portfólio.

A variável-chave nessa equação é a formulação de um arcabouço fiscal, prevista para agosto. Será ela que vai fazer com que o Banco Central (BC) mantenha uma política monetária dura **por mais tempo ou não**. A dúvida é saber se o novo governo terá uma política fiscal que vai facilitar o trabalho do Banco Central.

Sendo assim a **expectativa** é de uma bolsa em alta, com projeção de 132 mil pontos no fechamento do ano, mas muito dependente da política fiscal, ou seja, para a bolsa começar a andar positivamente e a se valorizar , o governo precisa emitir sinais que tem a intenção de controlar o lado fiscal e **o mercado de fato sentir** esse efeito, pois a falta de controle sobre a política fiscal faz com que o Banco Central (BC) seja obrigado a manter os juros altos por mais tempo o que é muito ruim para o país.

De qualquer forma é **sempre importante ter uma bom fluxo de caixa e planejamento financeiro para controlar suas finanças**, e ter em mente seu perfil de risco que mais se encaixa a sua realidade.

LUCIANA BASSAN
DIRETORA FINANCEIRA- AETQ
09/01/2023

REFERENCIAS: Valor econômico, Bradesco Asset, Mais Retorno, InfoMoney